

40º Encontro Anual da Anpocs 2016

ST22 – Pensamento Social no Brasil: novos debates metodológicos.

O exílio de Darcy Ribeiro e Ángel Rama: intelectuais, cultura e política na América Latina

Helena Bomeny

ICS/UERJ

(helena.bomeny@hotmail.com)

Alejandra Josiowicz

PPGHCS/Fiocruz

(alejandra.josiowicz@gmail.com)

Este texto trata do encontro de dois intelectuais provocado pelo exílio de um deles, seguido do exílio de outro. Os exílios de Darcy Ribeiro (1922-1997) e Ángel Rama (1926-1983) se deram em momentos distintos e em países diferentes. O de Darcy Ribeiro começa no Uruguai em 1964. Data dali seu encontro com Ángel Rama. Permanece em Montevideú até 1968, quando retorna ao Brasil acreditando em notícias sobre a liberalização do regime político decorrente do Golpe de 1964. Três meses após sua chegada, em dezembro de 1968, o governo militar decretou o Ato Institucional N.5, documento que instaura o período mais violento da ditadura. Darcy Ribeiro é preso, até que, em 1969, absolvido dos crimes pelos quais havia sido acusado, foi “convidado” pelos militares para deixar o Brasil. O exílio agora será na Venezuela onde novamente se encontra com Ángel Rama. Curto período. Em 1970 deixa a Venezuela, seguindo para o Chile e o Peru, retornando ao Brasil definitivamente em 1976. Esse período entre 1964 e 1976 constitui a que poderia ser considerada sua experiência latino-americana mais forte com consequências fundamentais para a ampliação do universo

reflexivo sobre o Brasil, consolidando nele o que cultivava como pertencimento latino-americano.

Por seu lado, Ángel Rama sai do Uruguai em 1970 para lecionar na Universidade de Porto Rico e já não poderá voltar até sua morte abrupta em 1983. Experimentou nos treze anos que passou entre Porto Rico, Venezuela, Estados Unidos e França o deslocamento, a instabilidade e a falta de pertencimento a uma comunidade cívica. Foi também nesse período que produziu uma parte fundamental de seus ensaios sobre a literatura e a cultura na América Latina.

Ainda que em momentos e espaços distintos, Rama e Ribeiro coincidem não só em vários pontos de suas trajetórias, mas também no cultivo de uma ideologia latino-americanista que no caso de Ribeiro se intensifica a partir de 1964, com sua experiência fora do Brasil. Em Rama, o comprometimento havia começado antes, dada sua participação, desde 1959, na revista *Marcha*, de ideologia latino-americanista, além dos laços que estabeleceu com Antônio Candido desde inícios de 1960.¹ Mas, o que talvez seja ainda mais central para este trabalho: em ambos, a incidência da questão da derrota. Foram mobilizados pelo modo como os intelectuais desse momento posicionaram-se diante do fracasso dos projetos das esquerdas na América Latina e da emergência de regimes ditatoriais. O momento da derrota implica a necessidade de enfrentar, de tramitar a melancolia, o luto, a ruína das utopias.² Segundo Rama, a “literatura da derrota” pode se revelar ainda mais produtiva para pensar a relação entre literatura e política, do que a cultura das utopias e das celebrações. No caso de Darcy Ribeiro - e isso é o que mais nele atrai Rama - a derrota tramita-se a partir de um

¹ Ver, sobre o tema, Rocca, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Banda Oriental, 2006. Capítulo 6, “Antonio Candido y Ángel Rama”.

² Sobre o tema da “derrota” nas produções culturais e literárias da pós-ditadura, ver Idelber Avelar, *The Untimely Present: Post-dictatorial Latin American Fiction and The Task of Mourning*. Durham: Duke Univ.

² Sobre o tema da “derrota” nas produções culturais e literárias da pós-ditadura, ver Idelber Avelar, *The Untimely Present: Post-dictatorial Latin American Fiction and The Task of Mourning*. Durham: Duke Univ. Press, 1999.

impulso polêmico, quase messiânico, que não perde sua carga utópica, o que, ao fim e ao cabo, acaba repolitizando a reflexão sobre a cultura.³

Tomamos a biografia intelectual como gênero e modelo teórico-metodológico que, como já estudou François Dosse,⁴ revela as tensões entre o discurso das ciências sociais, o discurso literário, o do ensaio e da biografia, apontando para as contradições e particularidades na autonomização e profissionalização dos intelectuais na época. E também ajuda a recuperar a centralidade das redes e da sociabilidade entre os intelectuais, tanto no interior do âmbito latino-americano quanto com relação aos Estados Unidos. Partimos de gêneros de tipo autobiográfico (diários, cartas e memórias), além de ensaios, nos quais os intelectuais refletem sobre si mesmos, criam e recriam imagens de si mesmos e redes de sociabilidade. Na chave da sociologia dos intelectuais, estas notas seguem a linha da exploração histórico-cultural de Claudia Gilman que tem apontado para os discursos e posições anti-intelectualistas de uma fração dos intelectuais latino-americanos das décadas de 1960 e 1970, que priorizavam o valor da política e sua lógica de eficácia e instrumentalidade por sobre a própria atividade intelectual e a produção científico-cultural.⁵

Isso nos leva a uma das diferenças fundamentais entre Ribeiro e Rama: enquanto eles compartilham receios similares diante da especialização e da profissionalização que veem simbolizadas na academia norte-americana, divergem no modo pelo qual cada um concebe o papel do intelectual. Enquanto Rama possui uma ideia de “intelectual crítico”, que é independente do poder mas mantém uma responsabilidade social, no caso do Ribeiro há uma

³ Exemplar do que se mantém em Darcy Ribeiro a despeito das derrotas é sua própria declaração apaixonada: *Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.*

⁴ Dosse, François (2009). *O desafio biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Edusp.

⁵ Sobre a ideologia antiintelectual, ver o capítulo 5 “Cuba, patria del antiintelectual latino-americano”. In: Gilman, Claudia. (2003). *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI.

recuperação do intelectual político, engajado, preocupado com as necessidades sociais, e resistente à profissionalização. Embora só Ribeiro tenha reflexão teórica explícita sobre o tema, para ambos a universidade latino-americana constitui lugar de tensão entre modelos opostos: uma guiada pelo modelo profissionalizado inspirado na academia norte-americana, especializada e desprovida de responsabilidade social; outra politizada, inserida na sociedade, para a qual conhecimento e política são inseparáveis.

I – O exílio de um intelectual político

A trajetória política de Darcy Ribeiro sofreu uma inflexão com o golpe de 31 de março de 1964. Na chefia da Casa Civil do governo João Goulart desde junho de 1963, Darcy se mantinha na capital federal acompanhando de dentro do Planalto os desdobramentos de uma crise política que se agravava na exata proporção em que o governo avançava. Os bastidores do golpe, a atmosfera dos conchavos, o crescimento conspiratório, civil e militar, o desmonte do apoio ao governo por parte dos próprios militares que compunham as forças do Estado, as lideranças de direita personificadas em próceres da República, a intransigência das forças sindicalistas que imprimiam uma feição radicalizada aos movimentos sociais, tudo isso compôs a narrativa memorialística de Darcy em *Golpe e Exílio*, publicação que integra a coleção “Darcy no Bolso” (Editora UnB, 2010). Brasília, a nova capital, era sua conhecida principalmente pelo obstinado envolvimento com a criação da Universidade. E também o Palácio do Planalto era espaço por ele transitado por já ter ocupado o Ministério da Educação desde agosto de 1962, quando deixava a reitoria da Universidade de Brasília, substituído por Anísio Teixeira (1900-1971), até sua nomeação para a Casa Civil em 1963.

Darcy foi um dos poucos membros do governo que ensaiou organizar uma resistência em defesa do regime democrático. João Goulart declarou que não resistiria, reconhecendo

que não havia condições para tanto. “Brizola fez o que podia”, completa Darcy, “para forçar Jango à luta armada com o auxílio das tropas sediadas no Rio Grande do Sul e do povo gaúcho. Ele não quis. Exilou-se. No dia 4 de abril, internou-se no Uruguai” (Ribeiro, 2010:68) O relato de Darcy dá conta de que se manteve no Palácio até que não mais pudesse (*...Fiquei no meu posto de chefe da Casa Civil, passando pito e dando ordens incumpríveis...*), até ser lembrado pelos novos agentes de que não tinha mais prerrogativas de governo, que já estavam sob novas ordens. As lembranças se esticam: *Os oficiais me olhavam assombrados sem coragem de insistir em que eu sáísse. As pessoas que eu chamara, Zé de Catão, meu amigo de infância, e frei Mateus, vice-reitor da UnB, me olhavam com espanto. Iracema sorria, tentando me alegrar. Aquela era minha hora de chumbo. Hora que eu preferia estar morto a sofrê-la: a hora do derrotado. Não disse palavra. Lá fiquei mudo, me roendo. Nem pensar ordenadamente pensava. Só sentia uma dor surda que retesava meus músculos, estirava meus nervos e me deixava pronto para disparar. Para onde? Para nada!* (Ribeiro, 2010:71)

Foi de fato uma resistência inútil. O Ato Institucional n.1, de 9 de abril de 1964 destituiu os direitos políticos de Darcy Ribeiro, além de demiti-lo de seus cargos de professor da Universidade do Brasil e de etnólogo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Começava assim uma nova fase de vida, não mais no Brasil, mas no exílio, levando com ele a indignação, a inquietude, o engajamento intelectual e a paixão política de que nunca se distanciou. O trajeto até Montevideu é descrito com os tons da aventura, dos riscos nem sempre calculados, e de parcerias inestimáveis como a do amigo Rubens Paiva - morto mais tarde pela violência brutal da tortura pela ditadura - que o resgatou do velho apartamento de reitor da UnB onde procurou se abrigar, a despeito da poeira acumulada. Em trajeto cumprido com percalços do improvisado, nosso personagem chega a um hotel em Montevideu , quando, dois dias depois, foi procurado por Mario Cassinone, reitor da Universidade da República,

única do Uruguai, nos seus 150 anos de vida. Combinou uma entrevista e o contratou como professor de Antropologia em regime de dedicação exclusiva. *Era o exílio, a nova vida que se abria à minha frente.*

Difícil glamurizar a experiência do exílio por mais intensos que tenham sido os contatos estabelecidos e as experiências ali vividas, por mais ganhos intelectuais que um olhar à distância possa provocar na imaginação dos atores quando de lá olham de forma particularmente distinta suas próprias terras de origem. *O exílio é uma experiência terrível, sobretudo para brasileiros. Temos um país tão grande e variado, tão cheio de sumos, seivas e cores que ser tirado daqui é um desterro. Para todos os exilados, exílio é sofrimento* – na avaliação certa de Darcy Ribeiro. Como estada não programada, o exilado leva consigo o que já tem à mão. O que não depende de planejamento prévio, talvez até por contingências imprevistas, o que foi vivido mais proximamente à retirada de seu país. Além disso, como nos ensinou Ángel Rama, *no es una conjugación fácil. La palabra exilio tiene un matiz precario y temporero: parece aludir a una situación anormal, transitoria, algo así como un paréntesis que habrá de cerrarse con el puntual retorno a los orígenes.* O que não foi planejado, o que é precário e temporário obriga os atores a apressadamente arranjar seus pertences, materiais e intelectuais, com o que for possível na pressa. Este nos pareceu ser um ponto forte na recuperação do sentido que se pode atribuir ao exílio de Darcy Ribeiro. Em sua bagagem, de forma absoluta, o que mais recentemente o mobilizara de corpo e alma: a invenção de uma universidade, concebida como *uma universidade moderna capaz de, além de cumprir as tarefas correntes de ensino e pesquisa, completar a cidade-capital com o núcleo científico e cultural, que não lhe pode faltar, e, ainda, proporcionar aos poderes públicos a indispensável assessoria no campo do planejamento e da assistência técnica e científica,* conforme anunciou o presidente João Goulart na mensagem presidencial. Uma universidade filha da utopia e de um sonho de reparação. (Bomeny, 2016) Sonho movido pela

aura e magia de fundação de um país com a ousadia cultural de uma universidade; reparação de um experimento abortado por força do autoritarismo do Estado Novo fechando por decreto, em 1939, a Universidade do Distrito Federal (UDF), então Rio de Janeiro, onde circulavam além de professores estrangeiros convidados, nossos educadores pioneiros, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, entre outros. Duas universidades, duas capitais ofendidas pela força da repressão.

Darcy associou ao magistério de Antropologia a oportunidade de pensar o que qualificou civilização americana. Pensar o Brasil no contexto latino-americano; defender a América Latina como parte de uma utopia de integração cultural e política muito própria de parcela importante de intelectuais latino-americanos. Eram tempos de reforma também no Uruguai. Reforma universitária como a que vinha ocupando a pauta intelectual brasileira sem ainda uma expressão nacional mais consolidada como acabou acontecendo em 1968 e que a experiência de Brasília, em muitas dimensões, foi modelo. Descentralizar, extinguir o sistema de cátedra, flexibilizar estruturas de modo a autorizar invenções e estimular a imaginação científica. Uma aposta da razão liberta como solução para quebrar estruturas obsoletas. Darcy Ribeiro encontrou no reitor que o capturou no hotel em Montevideu motivação para promover a discussão no Uruguai. O primeiro trabalho tratou disso, de animar o seminário sobre reformas da universidade. A UnB se impunha soberana! Darcy conduziu as discussões levando o projeto da UnB, comparando-o com o que encontrava na Universidade do Uruguai, mas não só. Atuou com igual empenho na Venezuela, no Chile e no Peru. As conferências que proferia a propósito das reformas foram publicadas em livro *La universidad latinoamericana*, editado na Venezuela, no Chile e no México, tendo recebido na edição brasileira o título *A universidade necessária*. Ter transitado pelos países irmãos influenciou, de forma nítida, a produção do próprio Darcy. Angel Rama registra a presença dos brasileiros exilados reconhecendo a influência que eles próprios receberam dos países onde passaram:

Dentro de este grupo hay uno que hizo una experiencia inédita, cuyos resultados futuros pueden ser de los más ricos. Se trata del grupo intelectual brasileño, que a la caída del régimen de João Goulart, a manos de los militares (1964), se distribuyó entre los países hispanoamericanos, el cual está ahora en un proceso de reincorporación progresiva a la vida del Brasil. Fue una experiencia inédita, pues el Brasil vivió de espaldas a la América española y ésta a su vez vivió entre la ignorancia o el temor de ese país desconocido que parecía tan grande y amenazador en las cartas geográficas. A pesar de pertenecer al común denominador de América Latina han sido muy escasas las comunicaciones culturales o políticas entre Brasil e sus vecinos. Estos intelectuales descubrieron la existencia de Hispanoamérica, no sólo en sus singularidades políticas sino también en sus modos culturales: Mario Predroza en Chile, Ferreira Gullar en Buenos Aires, Darcy Ribeiro en Montevideo, Francisco Julião en México, si por un lado se constituyeron en embajadores de una cultura ignota ante los grupos políticamente afines, por la outra hicieron experiencias de culturas desconocidas... (Rama, Angel, “La riesgosa navegación del escritor exiliado”)

- *Universidade e transformação do mundo*

O livro do exílio publicado posteriormente no Brasil – *A universidade necessária* – é exemplar do cruzamento que marcou a década intelectual dos sessenta entre política e cultura. E, em uma dimensão importante para esta reflexão, a interlocução fortalecida entre intelectuais latino-americanos na convivência no exílio. O livro é talvez a expressão mais visível da saída de uma reflexão nacional para um aporte de América Latina. Darcy leva para o exílio a memória de todo o processo de discussão que fez da Universidade de Brasília o exemplo, posteriormente considerado na Reforma Universitária de 1968 no Brasil, a despeito de todos os processos de ruptura a que esteve sujeita já no início do regime militar. A UnB simbolizava a possibilidade de combinar ciência, imaginação e mobilização política. Universidade comprometida com a utopia de um país novo, responsável por redesenhar uma estrutura considerada obsoleta, autoritária, excludente e assentada em procedimentos rígidos e centralizadores. O vínculo entre modernização e transformação social com experiência universitária constituiu-se em bandeira na instauração da universidade. Missão explícita, exposta aos que aceitavam o desafio de construí-la no espaço ainda vazio da nova capital.

Um sonho que dependeria da vontade política dos atores envolvidos no processo de construção da universidade cultivada em suas especialidades como cientistas, artistas plásticos, arquitetos, cineastas e intelectuais.

A fala de Darcy no Prólogo à edição brasileira não deixa dúvida a respeito do papel mobilizador que a juventude desempenharia no ambiente universitário. Este segmento da população traduzia o que potencialmente se esperava nessa combinação de cultura e política: rebeldia orientada para transformação, alimentada pela consciência dos efeitos perversos da estrutura classista, repressiva e embrutecedora sobre a experiência social. Nas nações subdesenvolvidas – em nosso cenário latino-americano -, a rebeldia é “uma forma de expressão da sua inconformidade com o atraso de suas sociedades”. (Ribeiro, 2010: 2) Nas desenvolvidas, tal rebeldia “aponta contra as sombrias perspectivas que se lhes abrem de amarga acomodação às chamadas ‘sociedades de consumo’”. Completa Darcy: *Trata-se, nos dois casos, de posturas essencialmente políticas e radicais que não se propõem apenas superar alguns arcaísmos da universidade e do regime, mas se lançam contra a estrutura de poder a que ambos servem, com a deliberação de transformá-la revolucionariamente.* (Ribeiro, 2010:3) Os jovens compõem a vanguarda desse movimento primeiro por sua condição privilegiada perante a juventude de trabalhadores. Formam eles uma camada socialmente privilegiada. Segundo, e não menos importante, a atitude de rebeldia revolucionária é “ativada por sua educação, também privilegiada, que lhe faculta uma consciência lúcida sobre o caráter retrógrado da ordem vigente”. O combate tem um sentido de urgência. São jovens da mesma geração que serão jovens por pouco tempo, e apenas por um tempo determinado poderão se envolver na cruzada proposta à sua atuação. Eles próprios serão capturados pela moenda da vida, disciplinando-se pelo trabalho, contraindo compromissos familiares fora de seu ambiente original sob proteção dos pais, respondendo à dinâmica competitiva da vida profissional. *Fundada nestas motivações profundas, de*

natureza estrutural e ideológica e no seu carácter geracional, a rebeldia estudantil tende a aprofundar-se e a generalizar-se cada vez mais, bem como a reiterar-se pela renovação constante de seus contingentes. Por isso mesmo, ela representará um papel relevante na luta pela edificação de novos tipos de sociedades mais justas e mais igualitárias. (p.4) Se o ponto de partida é a universidade – ambiente onde transita a juventude movida por uma consciência dada pela condição de educando – o círculo só se completaria com o envolvimento da sociedade mais ampla, de amplas camadas da população nos debates e nas lutas em uma universidade politizada. Esta é a fala que traduz fortemente o sentimento de que se apossou Darcy Ribeiro na apresentação da edição brasileira, escrito movido pela distância, assinado em Montevidéu, no emblemático Maio de 1968.

A crise das universidades em nossos países latino-americanos foi enfeixada no que Darcy Ribeiro classificou como fruto de um pêndulo que se move entre duas políticas básicas, não apenas distintas, mas opostas, sustentadas com maior ou menor lucidez por todos os universitários: *modernização reflexa e crescimento autônomo*. São categorias de análise importantes que de alguma maneira habitaram a reflexão de intelectuais como Guerreiro Ramos em período semelhante. De que maneira países subdesenvolvidos desenhariam políticas de desenvolvimento (e a política universitária é central em um projeto dessa natureza) tendo como quadros de referência os países centrais, portadores de autonomia e capacidade de acumulação econômica e científica que muito os separam dos periféricos? Desconhecer os modelos? Negar-se ao avanço científico? Transportá-los acriticamente como saída ao nosso próprio subdesenvolvimento? Procurar com o modelo universitário desempenhar um papel ativo no esforço de superação do atraso nacional seria a indicação mais recomendada por Darcy, o que não se resolve por decreto, ao contrário, exige esforço intelectual, consciência e vontade política. O modelo tradicional contra o qual o livro pretende arguir resulta da interação “espontânea dos fatores dentro da universidade” que

permite perfilar uma política modernizadora que em certos segmentos da vida universitária poderá florescer graças à impetuosidade de seus dirigentes. Processo irregular deixaria outros setores da universidade defasados pela razão inversa. *A política modernizadora aspira apenas a reformar a universidade de modo a torná-la mais eficiente no exercício de funções conservadoras dentro de sociedades dependentes e sujeitas à espoliação neocolonial. A política autonomista aspira a transfigurar a universidade como um passo em direção à transformação da própria sociedade, a fim de lhe permitir, dentro de prazos previsíveis, evoluir da condição de um 'proletário externo' destinado a atender as condições de vida e de prosperidade de outras nações, à condição de um povo para si, dono do comando de seu destino e disposto a integrar-se na civilização emergente como uma nação autônoma.* (Ribeiro, 2010:10)

II – O exílio do intelectual crítico

No conjunto dos intelectuais que intervieram no campo de debates sobre a relação entre a cultura e o político-social, isso é, na relação entre ideologia, política e sensibilidade estética, na América Latina durante as décadas de 1960 e 1970, Ángel Rama ocupa um lugar central. Ele nucleou uma série de espaços de associação e sociabilidade, como organizador de coleções editoriais, fundador de revistas, participante e colaborador em colóquios e conferências, marcadas por um ideal fortemente associativo e por uma série de debates ligados tanto à própria sociabilidade intelectual, quanto a seu discurso crítico e sua intervenção na cultura e na sociedade. Sua trajetória deve ser compreendida no contexto do desenvolvimento de uma rede latino-americana, que gerou um clima específico e uma sociabilidade intelectual entre 1959, ano da Revolução Cubana, e a década de 1970, período no qual se estabeleceu, consolidou e quebrou uma trama de intensa sociabilidade letrada que definiu uma época na história político-literária do continente. Como a crítica argentina Claudia Gilman já estudou em seu livro *Entre la pluma y el fusil, Debates y dilemas del*

escritor revolucionario en América Latina, a comunidade intelectual que se criou nessas décadas atravessou as fronteiras da nacionalidade e encontrou na Revolução Cubana um horizonte de abertura e pertencimento; eles criaram uma agenda intelectual em torno de um ideal que tentou conjugar a eficácia da ação política com a produção e difusão do primeiro cânone de literatura latino-americana de alcance mundial.⁶

Ángel Rama foi um dos intelectuais referentes e constitutivos dessa rede, conformada por criadores e críticos culturais da América Latina, seja em seu papel como diretor da seção literária da Revista uruguaia *Marcha* entre 1959 e 1969, de perfil editorial latino-americanista, ou como parte do Comitê de Colaboração da Revista Cubana “Casa de las Américas” (revista central na promoção e difusão da Revolução Cubana) entre 1964 e 1971, quando se desvinculou dela devido ao chamado “caso Padilla”, escândalo que teve como centro o escritor cubano Heberto Padilla, e que provocou a oposição de muitos intelectuais e escritores ao regime.⁷ Na sua extensíssima produção de ensaios, artigos e livros no período, Rama expressou a rejeição do que ele chamou várias vezes de “nacionalismo provinciano” em favor de uma aspiração latino-americanista e de um ideário internacionalista e cosmopolita, assim como também sua defesa de uma ideia de intelectual crítico e autônomo perante as demandas de qualquer regime político, inclusive de ordem revolucionária, o que explica seu apoio, mas também sua distância com respeito à Revolução Cubana. O papel de Rama nesse contexto é tão central que Gilman tem afirmado que Rama “inventou os sessenta

⁶ Gilman, Claudia. (2003). *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI.

⁷ Sobre a participação de Ángel Rama na revista *Marcha*, ver Gilman, Claudia (2012). “Enredos y desenredos de Ángel Rama y Emir Rodríguez Monegal”. *Nuevo Texto Crítico*. N. 24-25. Sobre o “caso Padilla”, no qual o escritor foi encarcerado e acusado de realizar atividades contrarrevolucionárias pelo governo de Fidel Castro, ver Gilman, Claudia, “El gran provocador”, *Página/12. Radarlibros*. 25 de Setembro 2000.

na América Latina”, que definiu usos e costumes e erigiu-se como figura capaz de formar parte e inclusive definir os fios da trama da sociabilidade letrada da época.⁸

No entanto, já a partir de 1974, momento em que começa a escrever seu diário pessoal, a trajetória e o pensamento do Angel Rama revelam a progressiva dissolução dessa rede de sociabilidade e interlocução latino-americana, a perda de sua própria capacidade para gerenciá-la, ao mesmo tempo em que tem lugar o abandono da crença na inevitabilidade da revolução pelos intelectuais do período. O que resulta interessante para os objetivos deste trabalho, é ver como foi que, nos anos de seu exílio, entre 1974 e 1983, sua concepção do intelectual e da América Latina entra em crise. É tanto o papel do intelectual crítico, ligado à realidade social e suas necessidades, que entra em crise, como a própria ideia de cidadania no contexto do exílio, uma cidadania que se define pelo pertencimento a uma comunidade intelectual não só nacional, mas sobretudo latino-americana e inclusive cosmopolita. Aqui nos deteremos, sobretudo, em algumas questões relativas à biografia intelectual de Ángel Rama, que consideramos importantes para dar conta da crise tanto da concepção do intelectual quanto da América Latina. Enfatizaremos especificamente sua relação com os intelectuais brasileiros, sobretudo com Darcy Ribeiro, por um lado, e com os Estados Unidos, por outro, o que nos pareceu sintomático de suas concepções e de sua trajetória.

Ángel Rama encontra-se lecionando na Escola de Letras da Universidade Central de Venezuela quando acontece o golpe de Estado militar no Uruguai, em 1973. Antes, em 1970 e até 1972, Rama esteve em Porto Rico, aonde lecionou na Universidade de Porto Rico, Campus de Rio Piedras, estabeleceu relações com vários intelectuais da ilha, como Nilita Vientos Gaston, Rosario Ferré e Arcadio Díaz Quiñones, dentre outros. Colaborou em várias publicações, participou de conferências e bancas, e estabeleceu relações profundas entre

⁸ Idem. P. 88. Sobre o tema, ver também Gilman, Claudia. “Un llamado de atención sobre ideas recibidas.” Cuadernos de Literatura. Vol. XIX. N. 37. 2015.

Puerto Rico e o restante da América Latina.⁹ Rama se tornaria difusor e divulgador da cultura porto-riquenha, através da coleção da Biblioteca Ayacucho, que incluiu volumes sobre Luis Palés Matos, Eugenio María de Hostos e Manuel Zeno Gandía: a partir de sua visão interligada e transnacional da cultura latino-americana, Ángel Rama valorizou a literatura antilhana, e a difundiu na América Latina.

Mas voltemos à sua trajetória no exílio. Já na Venezuela, o governo ditatorial do Uruguai rejeitou sua solicitação de passaporte, razão pela qual foi compelido a adotar a nacionalidade venezuelana. Lá, graças à prosperidade econômica experimentada no país fruto dos ganhos do petróleo e graças ao apoio do então presidente, Carlos Andrés Pérez, Ángel Rama dirigiu, a partir de 1974, a Biblioteca Ayacucho, na qual canalizou seu projeto de uma cultura latino-americana como superação da “falta de comunicação” entre os países, da ausência de “um verdadeiro plano continental, unitário para mensurar sua criação cultural”, e como estabelecimento de uma “perspectiva crítica” e “prática”.¹⁰ Com o pretexto da fundação e da organização do plano da coleção, iniciou um diálogo com uma série de intelectuais latino-americanos. Para nomear só alguns deles, Leopoldo Zea, Roberto Fernández Retamar, Arturo Roig, Arcadio Díaz Quiñones, Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, Sergio Buarque de Holanda e Antonio Cândido. Ángel Rama já tinha colaborado com Darcy Ribeiro em um projeto editorial no Uruguai. Após sua chegada ao país como exilado, como vimos, Ribeiro tinha começado a lecionar como Professor na Faculdade de Humanidades e Ciências de la República em 1964, na cátedra de Antropologia Social e Cultural. Vários de seus cursos eram abertos ao público geral: Rama e outros intelectuais os frequentavam. Foi nesse momento que Rama e Ribeiro criaram e organizaram a *Enciclopedia uruguayana. Historia de la civilización uruguayana.*, coleção de 63 fascículos que saiu entre 1968 e 1969, dedicada à difusão da

⁹ Para um relato dessas relações, ver a entrevista de Rosario Ferré, “Tres escritores puertorriqueños hablan sobre Ángel Rama”, *Hispanamérica*. Año 13, N. 39 (Dec., 1984), pp 61-65.

¹⁰ Rama, Ángel. *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001.

história, a cultura, a política e as ciências sociais do Uruguai, na qual colaboram historiadores, sociólogos, críticos de arte e literatura e economistas. Distribuída a preços acessíveis e destinada a um público amplo, a enciclopédia era vendida em livrarias e bancas de jornal, ao estilo de outras coleções em fascículos do período.¹¹ Como o crítico Pablo Rocca já apontou, as contribuições de Ribeiro na Enciclopédia ajudaram a desviar o projeto do caráter nacionalista e o colocaram frente a frente com questões latino-americanas. Antes, em 1964, o semanário *Marcha* tinha publicado uma entrevista com Ribeiro feita por Rama com o título “Darcy Ribeiro: una generación brasileña.” Nela, Ribeiro é apresentado como intelectual brasileiro exilado, por um lado, mas também como parte da geração de cientistas sociais do país que possibilitaram o amadurecimento das ciências sociais no Brasil e levaram sua visibilidade e relevância ao plano internacional. Ribeiro os caracteriza como uma geração com consciência crítica da realidade brasileira, engajada na luta pela transformação da nação, e fortemente determinada pelo espaço da universidade; eles teriam criado uma ciência social própria, como instrumento de ação sobre a realidade social, que integraria a cultura brasileira, abrindo-a aos olhos do mundo.¹² Como se vê, Ribeiro aparece no artigo como exilado, vozeiro e representante das ciências sociais brasileiras no exterior.

Mas o interesse de Rama pelo diálogo com o Brasil ganhou ainda mais importância no contexto do projeto da Biblioteca Ayacucho. Já para a reunião inicial, convidou Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Carlos Drummond de Andrade e Antônio Cândido. Mas, devido ao impedimento imposto pelo governo militar à saída de Caio Prado, Rama decidiu continuar a colaboração à distância, e solicitou de Darcy Ribeiro e Antônio Cândido a elaboração de uma lista de obras literárias, históricas, sociológicas e antropológicas representativas do Brasil. Como resultado, Rama planejara publicar uns vinte títulos em tradução, incluindo

¹¹ Rocca, Pablo. (2015). “Ser (ou tornar-se) latino-americano: sobre o diálogo entre Darcy Ribeiro e Ángel Rama” p. 45-50. In: _____ et Haydée Ribeiro Coelho (org., estudos e notas). *Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ed. global.

¹² “Darcy Ribeiro: una generación brasileña.” *Marcha*. 29 de maio de 1964. XXV, N. 1207.

textos de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Manuel Antônio de Almeida, Caio Prado Júnior, Lima Barreto, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, com prólogos e cronologias de Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido, Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, Alfredo Bosi, entre outros. Consciente de seu papel de difusor da cultura brasileira na América hispânica, Rama afirma em carta a Berta Ribeiro: *creio que vou ganhar minha medalha de reconhecimento por parte da cultura brasileira, pelo meu esforço para torná-la conhecida entre os hispano-falantes*.¹³ O diálogo com Darcy e Berta Ribeiro também se torna importante para o projeto concebido por Rama de relacionar o discurso literário com a antropologia (pioneiro do que seriam, alguns anos mais tarde, os estudos culturais latino-americanos): cita ambos no seu livro *Transculturación narrativa en América Latina*, dedicado a Darcy Ribeiro e ao antropólogo John Murra (estudioso do império incaico) como “antropólogos de nossa América”.¹⁴

Para o projeto da Biblioteca Ayacucho, Rama encomenda a Darcy Ribeiro a elaboração do prólogo de *Casa Grande e Senzala*, no qual devia apresentar o livro para o público espanhol, assim como uma cronologia comparada de Gilberto Freyre e a história do Brasil.¹⁵ (Vale a pena ressaltar que cada volume continha uma cronologia em três colunas, dedicadas ao autor e sua obra, à história do país, da América Latina e do mundo.) Ángel Rama corrige e modifica o prólogo e a cronologia elaborados por Ribeiro, dado que os considera “indiscretos”, “imprudentes”, carentes de algumas informações intelectuais importantes, algo “irreverente” e pouco objetivo, diminui os comentários e modifica algumas

¹³ Carta de 4 de outubro de 1976. In: Rocca, Pablo et Haydée Ribeiro Coelho (org., estudos e notas). *Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ed. global. P. 135

¹⁴ Rama, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

¹⁵ Freyre, Gilberto. *Casa Grande y Senzala*. Caracas: Ed. Ayacucho, 1977. Pról. e cronologia de Darcy Ribeiro.

informações que julga arbitrárias.¹⁶ Mesmo com as diferenças metodológicas que ele expressa respeito de seus trabalhos, chegando a afirmar, ironicamente, *eu sempre disse que os livros de antropologia de Darcy Ribeiro eram romances fascinantes*,¹⁷ Ribeiro não deixa de funcionar para Rama como um modelo de pensamento latino-americano.¹⁸ Assim, em carta de 1981, lhe solicita um ensaio para uma antologia do pensamento latino-americano do século XX que estava organizando e afirma: *estou decidido a que você seja a última voz, a do futuro, nesse volume (...). Martí abriu um tempo nosso, profeticamente, e é você quem deve ser a voz profética deste momento revolto, cético, desesperançado, para acender de novo a confiança de todos nós. Não há ninguém que possa fazê-lo senão você. Como dizem os mexicanos, ándele pues. E continua: Em um artigo para os americanos, sobre exílios, mostro você como o principal exemplo de integração que conheci nessas décadas, com o qual quase justifico indiretamente os ditadores.*¹⁹ Como se vê, Ribeiro é, para Rama, exemplo de uma voz “profética”, a voz “do futuro”, da retomada da “confiança” no latino-americano, em um momento de ditadura e derrota intelectual. É precisamente na sua condição de exilado, unida à sua concepção da integração da cultura latino-americana, ao mesmo tempo utópica e “ardentemente polêmica”, que Ribeiro se torna um intelectual paradigmático para Rama.

O artigo sobre exílio que Rama menciona na sua carta já tinha sido publicado anteriormente, em 1974, em um número da Revista venezuelana *Nueva Sociedad* dedicado às produções culturais e intelectuais dos latino-americanos no exílio, que incluía artigos do uruguaio Eduardo Galeano, do argentino Noé Jitrik, do chileno Ariel Dorfman e do paraguaio

¹⁶ Rama observa, sobre seu trabalho de correção do prólogo de Ribeiro: “por alguns momentos pensei que tinha ocupado o lugar de Berta e que apenas me restava, como a ela, a tarefa de escrever diretamente para você os livros.” Rocca, Pablo et Haydée Ribeiro Coelho (org., estudos e notas). *Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ed. global. P. 81.

¹⁷ Rocca, Pablo et Haydée Ribeiro Coelho (org., estudos e notas). *Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ed. Global, p.115.

¹⁸ No plano da coleção da Biblioteca, também encontrava-se a publicação do livro de Darcy, *As Américas e a Civilização*, que viria a ser publicado só após a morte de Rama, em 1992.

¹⁹ Carta de 15 de abril de 1981. In: Rocca, Pablo et Haydée Ribeiro Coelho (org., estudos e notas). *Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ed. Global, p.99.

Augusto Roa Bastos, além de autores do Peru e da Nicarágua.²⁰ No ano de 1981, Rama republica o texto para um novo dossiê sobre exílio que organizou para a revista norte-americana *Review: Literature and Arts of the Americas* – a qual veiculava traduções de textos literários e artigos de diferentes países da América Latina. O dossiê sobre o exílio na América Latina também incluiu um texto de Julio Cortázar, “The Fellowship of Exile”, um de Augusto Roa Bastos, “The Exiles of the Paraguayan Writer” e outro de Fernando Alegria sobre o mesmo tema.²¹

De fato, em numerosos artigos desses anos, assim como em seu diário pessoal e suas cartas, Rama reflete sobre o exílio intelectual latino-americano, tema que o preocupava em um sentido tanto teórico quanto pessoal. Examinaremos inicialmente a questão no seu diário, para depois passar aos artigos. Rama escreveu o diário entre 1974 e 1983, período que abarca sua estada na Venezuela, nos Estados Unidos, e brevemente na França, até sua morte. Nesses cadernos, ele escreve muito intensamente sobre a condição do exílio: expressa as experiências de instabilidade, insegurança e deslocamento decorrentes das múltiplas mudanças pessoais e profissionais, da carência de passaporte, de residência e, sobretudo, de pertencimento a uma comunidade nacional e cívica. Mas o exílio vai além de uma experiência profissional ou pessoal, também define seu posicionamento intelectual no contexto da Guerra Fria. Assim, opõe-se aos intelectuais que reproduziam de modo acrítico o discurso da Revolução Cubana: é crítico da atuação de Roberto Fernández Retamar e de Julio Cortázar enfatizando a necessidade de independência e autonomia do intelectual diante do poder político. Mas também desconfia da vida acadêmica universitária dos Estados Unidos, receoso de viver “com os poderes gringos invisíveis sobre uno”²², e preocupado com o que percebe como um afastamento do mundo, uma “especialização da ação intelectual”, uma falta

²⁰ O dossiê levou o título “América Latina: ¿una literatura exiliada?” *Nueva sociedad* N. 35. Março-Abril 1978.

²¹ *Review: Literature and Arts of the Americas*. N. 30. Sept.-Dec.1981.

²² *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P. 77.

de compromisso com a sociedade que “queda fora, mais além dos limites do campus”.²³ Esse complicado posicionamento resulta em uma espécie de entre-lugar, que Rama cria para si mesmo: entre ideologias, tradições de pensamento, posições éticas e modos diferentes e até opostos de pensar a atividade intelectual.

Tudo isso o coloca em um espaço restrito, paranoico e claustrofóbico. Em Caracas, sente-se rejeitado pelo meio intelectual venezuelano, que julga xenófobo, corrupto e provinciano, e escreve: *Vivo con la sensación del acosado (...) Y me temo que si eso cambiara sentiría que ya es tarde y que no me podrán consolar de lo que me han hecho padecer. Bien caro me han cobrado el pan del exilio.*²⁴ Em vários momentos do diário, Rama denuncia a posição defensiva ligada ao culto do passado tradicional e folclórico e a um provincianismo falso e populista, e afirma a necessidade de novos equilíbrios culturais que relacionem as identidades nacionais com as tendências culturais modernas e cosmopolitas.²⁵ Esse tipo de considerações – que também aparecem nas suas elaborações teóricas desses anos sobre as produções culturais latino-americanas ²⁶ –, também determina seu posicionamento como intelectual. Assim, Rama sente-se representante de uma comunidade intelectual latino-americana que, em lugar da defesa de uma autenticidade idiossincrática, propõe uma cultura de diálogo entre o local e a modernidade cosmopolita. Identifica-se com o venezuelano, tutor e mentor de Bolívar, e também exilado Simón Rodríguez, sobre o qual afirma:

²³ *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P. 70.

²⁴ *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P. 78.

²⁵ Afirma: “Sólo un desarrollo armonioso y valiente de ambas coordenadas, con lo que ello implica de tenaz esfuerzo para dominar la cultura del mundo presente, permitirá integrar la nacionalidad, desprenderla del provincianismo, sin por eso perder la identidad fundamental. Y de paso disolver la resistencia al elemento extranjero, reconociendo su calidad de heraldos de ese mundo presente y dotándolos de una fuerte y sabrosa impregnación local.” *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P.83.

²⁶ Por exemplo em “La tecnificación narrativa” *Hispanérica*, Año 10, No. 30: 1981. Pp. 29-82, “Los ríos profundos, ópera de pobres” *Revista Iberoamericana*. Vol. 49. I. 122: 1983. Pp. 11-41, “La modernización literaria latinoamericana (1870-1910)” *Hispanérica*, Año 12, No. 36: 1983. Pp. 3-19. “José Martí en el eje de la modernización poética: Whitman, Lautréamont, Rimbaud” *Nueva Revista de Filología Hispánica*, T. 32, No. 1: 1983. Pp. 96-135. Sobre o tema, ver Josiowicz, Alejandra, “Angel Rama y el ensayo cosmopolita” em *Otra Travesía.*, n. 17. UFSC, 2014.

*Duele su triste vida y acompaña. Esos decenios por escuálidas ciudades americanas, sin recuerdos, atendiendo pobres negocios, viviendo de la caridad; esa muerte en un caserío ecuatoriano, río arriba, con los dos baúles llenos de papeles y nada más; esa continua frustración de pensar mejor que nadie y no ser oído, ni atendido ni respetado; esa inteligencia, condenada por tal, en medio del caos, los apetitos desatados, la garrulería, la confusión. Todo define al intelectual en una América cruda, mal amasada.*²⁷

A passagem define a condição do exílio como determinante do intelectual latino-americano: aquele que não tem inserção fixa nas instituições nem espaço social, pobre, desprovido de reconhecimento, cuja única possessão é a própria perspectiva crítica, alheio aos desejos e ânsias dos outros cidadãos. O caráter imaturo do meio latino-americano, “cru”, “mal amassado”, pareceria determinar essa condição do intelectual como exilado. No entanto, os anos que passou nos Estados Unidos, logo após sua renúncia à Escola de Letras da Universidade Central de Venezuela em 1978, no Middlebury College, nas Universidades de Maryland e Princeton, não lhe trazem reconhecimento nem inserção institucional. Pelo contrário, queixa-se da “mesquinhez” do ambiente intelectual, que julga pobre e reducionista, e dos professores: *¿por qué se dedican a la literatura y al arte, si nada tienen que ver, orgánicamente, con ellos?* (Rama, 2001:127), e os chama *jibarizadores de lo bello, de lo fuerte, de lo verdadero*. (Rama,2001: 128). Contrasta aquele ambiente com o que observou em Campinas, durante uma viagem de dez dias que fez para um Colóquio organizado por Antônio Cândido, do qual se sente imediatamente partícipe: *ponen pasión y juegan su vida en lo que dicen (...). Están vivos en el curso arrollador del arte y el conocimiento: eso es central para ellos, es el sentido de la vida. Y las cosas no están separadas, el arte, el deseo, la política, el júbilo y el miedo, son todas cosas que van juntas, con el agregado de que exigen como pago la gracia*. (Idem, p.128). Essa concepção apaixonada, vital, da tarefa intelectual, como inseparável da política, da cultura e da própria experiência subjetiva, está no eixo da concepção do intelectual latino-americano própria de muitos escritores e críticos das décadas

²⁷ *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P. 112.

de 1960-1970. Para eles, o político-ideológico e as produções culturais eram absolutamente convergentes.²⁸ Desse modo, a produção intelectual resulta politizada, estetizada e até espiritualizada. Essa concepção contrasta com as observações de Rama nos Estados Unidos. Lá vê aos professores “recluídos”, “perdidos do mundo em um ghetto intelectual” (135). Escreve:

Como si estuvieran fuera de la corriente principal de la cultura del país, contemplándola y examinándola a veces, ignorándola frecuentemente, ligados entre sí con otros ghettos similares en diversos puntos del mundo. Es, en el fondo, la diferencia con los intelectuales latinoamericanos que no han alcanzado ese grado de especialización quizás, y que en definitiva son profesores porque son escritores y a veces por añadidura políticos y cumplen simultáneamente todas las funciones en el centro de la vida social, estatuyendo el principio de reverencia al intelectual como guía, maestro, estudioso, profeta, y, en ocasiones, hombre de acción. (Rama, 2001:136)

Rama analisa o fenômeno não como decorrente de níveis ou graus de especialização ou desenvolvimento, mas de modelos culturais distintos: o anglo-saxão, especializado, afastado da sociedade e conectado a outras comunidades autônomas e equivalentes, e o latino, herdeiro do modelo francês, que é tanto homem de saber quanto homem de ação, professor, escritor, político, nunca desligado de seu entorno social, guia e porta-voz de seu povo. No entanto, como crítico dos intelectuais politizados que encarnam qualquer sentido profético e paternalista, Rama sente-se um “outsider” também na academia norte-americana, com seus critérios de profissionalização e competição. Quando assiste a uma palestra de Júlio Cortázar em Paris, confessa-se *abominado dos escritores metidos a políticos: acabam fazendo mal as duas coisas*. Acusa-o de dizer obviedades sobre os regimes militares, sobre o socialismo como simples panaceia, sobre os escritores engajados e sobre as bondades políticas do regime cubano. E afirma:

a mi me volvió a plantear esta espina sobre los prejuicios que estos intelectuales ignorantes de la realidad social, económica y política de nuestros pueblos provocan en las jóvenes generaciones

²⁸ Ver, respeito disso, o capítulo 4 “El intelectual como problema” em Gilman, Claudia. (2003). *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI

*que creen en ellos (porque son buenos escritores no porque sean políticos buenos) y están dispuestos a aceptar sus juicios. La extrapolación es evidente: aprovechando la autoridad ganada en el campo de la "literatura pura" se la usa para impartir una doctrina sobre asuntos que le son enteramente ajenos y donde no ha habido prueba de ningún tipo de competencia o conocimiento serio. Desgraciado equivoco. He conocido sus desgraciadas consecuencias en el pasado y nada parece que ellas hayan contribuido a hacer más serias y responsables las palabras políticas que hoy siguen pronunciando los intelectuales.*²⁹

O problema que percebe no discurso de Cortázar não tem a ver simplesmente com sua falta de informação a respeito da situação política, econômica e social, mas, sobretudo, com o alargamento da legitimidade que ele conseguiu no terreno literário, instrumentado na esfera política. Trata-se do dilema entre intelectuais e política: não é de mediações simbólicas e das suas competências específicas que o intelectual precisa partir para viabilizar seu discurso? Caso contrário, o intelectual arrisca-se a uma posição paternalista e arbitrária, como aquela de Cortázar advertida pelo Rama. Mas se o problema, no caso latino-americano, é a extrapolação política da autoridade intelectual, na academia norte-americana seria o esvaziamento dos debates, a extrema profissionalização e especialização do conhecimento:

*lo normal es que los profesores no intercambien nada, a pesar de la complicadísima estructura de seminarios, coloquios y diálogos (...) Cada uno está en lo suyo y a veces pienso que tienen miedo, que eso es lo dominante, porque preservan lo que hacen de todo debate que pueda ponerlo en peligro. O quizás de ilegítimas apropiaciones: el propio Claudio [Velis] me repetía hoy "eso de la ciudad letrada publicalo ya en algún artículo" para registrar el copyright.*³⁰

Ángel Rama percebe a internalização pelos intelectuais da noção das ideias como mercadorias, com o foco nos benefícios materiais e simbólicos derivados dos créditos das ideias, mais do que nos processos de seu debate e produção. Nesse caso, trata-se de uma atividade intelectual sem eficácia social e sem significância política, marcada pela atitude competitiva e individualista. É claro que parte das reflexões de Rama estão ligadas ao

²⁹ Rama, Ángel. *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P. 154.

³⁰ Rama, Ángel. *Diario (1974-1983)*. Caracas: Ed. Trilce, 2001. P. 140.

sentimento de culpa, vivido por muitos intelectuais do período, e da necessidade de vigilância diante do suposto perigo de ser cooptado pelos Estados Unidos.³¹

Se no *Diário* Rama deixa transparecer um posicionamento como exilado perante as concepções e práticas que observa nos dois lados da Guerra Fria, nos artigos publicados nesses anos ele leva ainda mais além sua elaboração da condição do intelectual como exilado. Assim, no ensaio “La riesgosa navegación del escritor exiliado”, publicado pela primeira vez em espanhol, em 1978, e, mais tarde, em inglês em 1981, com o título “Founding the Latin American Literary Community” ele estabelece um paralelo entre os escritores exilados por causas políticas – devido aos regimes ditatoriais – e as populações migrantes por causas econômicas. Chega a equiparar ambas as migrações como diásporas latino-americanas, movimentações entre países latino-americanos e também fora da América Latina que, segundo ele, estariam ligadas a uma equivalente conjuntura econômica, social e política. Através dessa relação entre intelectuais exilados e trabalhadores migrantes, considera o exílio intelectual como parte de um processo social mais amplo, do qual participariam tanto trabalhadores, operários e camponeses, quanto profissionais, professores e técnicos especializados. Desse modo, a condição do exílio determinaria uma nova época para os intelectuais, que começariam a circular pelas comunidades espalhadas a nível planetário.

O tema do exílio lhe serve para por em questão a categoria da América Latina como horizonte problemático, “unidade fictícia”, detrás da qual ficam apagadas a multiplicidade das culturas e a real falta de comunicação entre os países. Seria só a partir do exílio e da emigração, causada pelos regimes ditatoriais, que grupos inteiros de intelectuais latino-americanos teriam descoberto a “América indígena”, a “América negra”, o que teria acelerado o intercâmbio entre os intelectuais de diferentes países, e criado uma visão

³¹ A questão é mencionada por Claudia Gilman em *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, p.150.

integrada do continente. O exemplo paradigmático seria o caso dos intelectuais brasileiros exilados, que haveriam estabelecido comunicações culturais inéditas com a América Hispânica:

*Pienso que un libro imaginativo y talentoso como Las Américas y la Civilización, de Darcy Ribeiro, hubiera sido imposible sin estos largos años de exilio que le permitieron recorrer y vivir por años en diversos países y zonas del continente. Del mismo modo la experiencia en las artes plásticas de Pedroza, en la poesía de Ferreira Gullar, en las ciencias políticas de Julião.*³²

Darcy Ribeiro funciona, mais uma vez, como modelo do intelectual latino-americano exilado, “vivendo em países e diversas áreas do continente”, “descobrimdo” ou redescobrimdo a América Hispânica e estabelecendo laços culturais entre esses países e o Brasil. Se anteriormente toda visão integradora da América Latina teria provindo da Europa ou dos Estados Unidos, graças aos exílios seria possível criar novas percepções do conjunto, enfatizando circunstâncias econômicas, sociais e culturais comuns.

Um tipo de produção decorrente do exílio, segundo Rama, seria a ligada com a derrota, “literatura” de derrotados, ainda mais profícua que a militante anterior. Nesse sentido, o exilado se contrapõe à figura sacralizada, heróica e politizada do intelectual público, que se pretende elevado por sobre a sociedade e que considera próximo à “ vaidade exibicionista”. Esses escritores-políticos, segundo Rama, acabam sendo “maus escritores e maus políticos”. Em lugar de um guia indiferenciado ou porta-voz de um partido, que intervém tanto na cultura quanto na política, o intelectual deveria contribuir partindo de suas circunstâncias – as do exílio – e sem abandonar seu “campo específico” e as necessidades da sua comunidade – exilada e migrante. De fato, ele assinala três públicos para os quais escreve o escritor-intelectual no exílio: o do país receptor, o de seu país de origem e o da diáspora, sendo o último o mais relevante. A aliança estratégica traçada por Rama entre intelectual

³² *Nueva Sociedad*. Nro. 35. Março-abril 1978, p. 99-100

exiliado e populações migrantes, responde justamente à intenção de conjugar produção cultural e responsabilidade social, retomando a eficácia social da tarefa intelectual, e evitando a sacralização ou a visão paternalista e partidária do intelectual que, dessa vez, parte de seu “campo específico”. O exílio seria então a única circunstância na qual o intelectual crítico poderia retomar seu papel junto à sua comunidade.

Rama desenvolveu mais, em outros ensaios, suas reflexões sobre a produção de uma literatura derrotada no exílio, assim como dos distintos públicos aos que podia estar destinada.³³ Nesses anos, também escreveu uma série de artigos de intervenção sobre os “dissidentes” e a “dissidência” dos intelectuais exilados do regime comunista soviético, críticos de suas diretivas ideológicas. Esse tipo de “dissidência”, que supera as barreiras nacionais e abre-se ao âmbito intelectual transnacional, parecia-lhe fundamental para repensar o papel das esquerdas na América Latina.³⁴ De fato, a condição do exilado tornou-se ainda mais intensa nos dois últimos anos de sua vida, devido à polêmica aberta pela rejeição de seu visto nos Estados Unidos. O Departamento de Imigração Norte-americana o denominou com o código 212 (d) (3) (a) (28), que significava “subversivo comunista”, não permitindo a obtenção de seu visto permanente, baseando-se na McCarran-Walter Act de 1952, que proibia a residência permanente a qualquer estrangeiro afiliado com o regime comunista ou envolvido em publicações comunistas. A solicitação estava originalmente destinada a assumir a posição de Professor na Universidade de Maryland em Washington, pois tinha decidido se estabelecer permanentemente nos Estados Unidos. O governo norte-americano negou-se a oferecer qualquer evidência, devido ao qual nem Rama nem o advogado contratado pela Universidade conseguiram contestar os cargos. Além disso, ele nunca quis se arrepender da sua suposta afiliação comunista, a única saída que as autoridades

³³ “Las últimas novelas de Donoso. La metamorfosis del exilio latinoamericano” In *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1993.

³⁴ Trata-se de um conjunto de artigos publicados no jornal venezuelano “El Universal” com o título de “Los disidentes”

lhe ofereciam para reconsiderar seu caso. O assunto despertou a indignação de toda a comunidade intelectual da América Latina e dos latino-americanistas dos Estados Unidos: a LASA, a PEN Club International e a MLA redigiram cartas de protesto, e o então presidente da Colômbia, Belisario Betancur, solicitou pessoalmente a Ronald Reagan que não deportasse o escritor.³⁵ Arthur Miller e Gabriel García Márquez escreveram sobre o tema, ligando a situação de Rama com o tratamento equivalente que eles mesmos tinham recebido por parte do Departamento de Estado norte-americano. Em um artigo que escreve nesses anos, com o título “USA y los escritores latino-americanos 212 (d) (3) (a) (28): catch 28” (publicado na revista espanhola *Quimera*. V. 26 1982), Rama explica essa rejeição como um castigo à sua posição crítica dos Estados Unidos; mas esclarece também que ele é independente de toda ideologia partidária e, em particular, da Revolução Cubana. Existem muitas versões que explicam a oposição dos Estados Unidos à solicitação de Rama: como um modo de limitar a influência e o poder do latino-americanismo nos Estados Unidos, como uma vingança dos intelectuais e escritores cubanos no exílio, aliados do inimigo intelectual de Rama, o também uruguaio Emir Rodríguez Monegal. Outra versão, corroborada por um manuscrito de Rama, “The Perils of Reinaldo Arenas”, assim como por uma carta que o escritor cubano Reinaldo Arenas envia ao PEN Club de Nova York, seria que parte do problema estaria ligado ao dossiê que Rama organizou na revista *Review - Literature and Arts of the Americas* sobre os escritores latino-americanos no exílio, acusada de “pro castrista” porque Rama teria excluído os intelectuais cubanos. Seria, portanto, parte de uma briga sobre o direito e a possibilidade de se incluir na comunidade intelectual do “exílio”,

³⁵ No arquivo de Arcadio Díaz Quiñones, “Arcadio Díaz Quiñones Papers” e da PEN American Center da Universidade de Princeton, encontram-se vários documentos ligados à polêmica em torno de seu visto: uma carta dirigida ao Chefe de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos, assinada pelos professores de Princeton, uma dirigida ao Secretário de Estado norte-americano pelo próprio Rama, uma ao embaixador dos Estados Unidos assinada pela LASA e uma carta do escritor cubano Reinaldo Arenas, acusando Rama de ser um funcionário do regime castrista e de promover uma “ofensiva continental” e uma “ação direta” contra os Estados Unidos.

ligada ao prestígio do intelectual crítico, ponto fundamental do paradoxo que amarra letrados, política e exílio.

Exílio, exílios

O percurso feito pelas trajetórias desses dois intelectuais nos permitiu um contato com questões variadas e em algum sentido, profundamente ligadas ao tempo presente. No caso de Darcy Ribeiro, já há registro dos embates que provocou e que enfrentou com relação ao processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil contra o que a virulência de nosso intelectual não fez qualquer cerimônia.³⁶ Sua volta ao Brasil em meados dos anos setenta encontrou parcela significativa dos intelectuais brasileiros mobilizados em torno de instituições e programas de Pós-Graduação montados em moldes que mais se assemelhavam ao que ele próprio criticara em seu anti-norteamericanismo. Não se tratava mais de apenas um choque de gerações – já que os mais novos não o reconheceram como alguém que ocupasse liderança intelectual em seu campo de atuação. A resistência ultrapassava o limite geracional. Dizia respeito a uma discrepância entre o modelo de profissionalização das Ciências Sociais e a concepção que cultivara em seu distanciamento quando no exílio.

No caso do Rama, fizemos uma entrada inicial no momento em que foi alvo de uma polêmica que o colocou nos embates entre grupos ideologicamente opostos no contexto da Guerra Fria e do latino-americanismo ao Sul e ao Norte do Continente. O legado dos problemas postos por eles, isto é, a relação entre saber universitário e política, intelectuais e política, dilemas da profissionalização e da especialização e a dívida da própria instituição universitária perante a sociedade ainda são da mais sensível atualidade. A experiência do

³⁶ Cf. BOMENY, Helena (2001). *Darcy Ribeiro. Sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

exílio fortaleceu esse tipo de percepção do lugar desses intelectuais na vida cultural de seus países, e a volta do exílio criou, em alguma dimensão, um exílio da própria condição de intelectual na comunidade acadêmica. Este foi, indiscutivelmente, o caso de Darcy Ribeiro no Brasil. Ángel Rama, precursor involuntário das possibilidades e dos problemas dos *cultural studies* nos Estados Unidos, é ainda hoje objeto tanto de modismos quanto de argutas críticas que apontam para os dilemas teórico-metodológicos de sua obra.³⁷

Uma última nota, à guisa de conclusão, foi inevitável depois desse percurso. Encontrar outros personagens que, de espaço distinto, encontrou também entre latino-americanos uma espécie de pátria intelectual. A interlocução de Richard Morse, o historiador norte-americano exilado em própria terra, com esses intelectuais latino-americanos, brasileiros em particular, amplia o sentido de exílio que nos motivou a escrita deste texto. Se os sentimentos são semelhantes – isolamento, deslocamento, privação, desterro, sofrimento, incomunicação – o espaço geográfico onde afloram pode ser externo ou interno, o que nos deixa com a convicção de que são múltiplos e nem sempre controláveis, os efeitos da interação humana ou a falta dela, e, em nosso caso, da interlocução intelectual ou seu impedimento.

³⁷ Ver dossiê “La ciudad letrada hacia una historia de las elites intelectuales en América Latina”. *Prismas*. N. 10, 2006. Lá, *A Cidade das Letras* é criticada por suas posições anti-intelectuais e anti-urbanas, típicas de certo latino-americanismo, assim como por sua visão maniqueísta do conflito cultural (rural/urbano, oralidade/escrita).